



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

**Sub-eixo: As particularidades da contradição capital x trabalho no capitalismo
dependente**

**A ATUALIDADE DO SUBIMPERIALISMO NO BRASIL: A REPRODUÇÃO DA DEPENDÊNCIA
NO AGRONEGÓCIO.**

ALCIDES PONTES REMIJO¹

RESUMO

O artigo pretende abordar as múltiplas manifestações da lei geral da acumulação capitalista a partir da dependência dos países Latinos Americanos sob a influência da teoria Marxista da Dependência, a partir da categoria de imperialismo e subimperialismo iremos descrever como este é o movimento dominante do capitalismo a qual reproduz a dependência. Lenin qualifica o capitalismo do século XX como Imperialismo como manifestação da centralização e concentração do capital monopolista. A hipótese que o autor trabalha que no setor do “agronegócio” está sofrendo uma radical transformação no século XXI, tendência que acentua o impulso de monopolização com maior fusão do setor produtivo, do setor financeiro e o capital especulativo. Esta monopolização do setor agronegócio reatualiza o que Rui Mauro categorizou como subimperialismo. E devido ao ciclo de especialização econômica resulta que a manifestação do subimperialismo justamente é dentro da especialização econômica com exportação de capitais do agronegócio recoloca a dependência como forma específica do capitalismo na América Latina. A partir de uma análise crítica e ontológica a lei do valor trabalho há determinações que só podem ser explicados pelas lutas de classes, doravante neste artigo deve abordar mesmo que sumariamente as lutas de classes nesse período. Essa monopolização e centralização também impacta no conjunto da sociedade brasileira, visto que grande parte dessas aquisições de frigoríficos, no Brasil e na América Latina tem se realizado com dinheiro do fundo público que se materializa no BNDS, o que demonstra uma política de reprimarização da economia.

Palavras chaves: Lei do Valor Trabalho, Superexploração, Subimperialismo

¹ Universidade Federal de Goiás



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SUMMARY

The article intends to address the multiple manifestations of the general law of capitalist accumulation from the dependence of Latin American countries under the influence of the Marxist theory of Dependency, from the category of imperialism and sub-imperialism we will describe how this is the dominant movement of capitalism which reproduces dependency. Lenin qualifies 20th century capitalism as Imperialism as a manifestation of the centralization and concentration of monopoly capital. The author's hypothesis is that the "agribusiness" sector is undergoing a radical transformation in the 21st century, a trend that accentuates the drive for monopolization with a greater fusion of the productive sector, the financial sector and speculative capital. This monopolization of the agribusiness sector re-updates what Rui Mauro categorized as sub-imperialism. And due to the cycle of economic specialization, the manifestation of sub-imperialism is precisely within economic specialization with the export of agribusiness capital that replaces dependence as a specific form of capitalism in Latin America. From a critical and ontological analysis of the law of labor value, there are determinations that can only be explained by class struggles. From now on, this article must address the class struggles in this period even summarily. This monopolization and centralization also impacts on Brazilian society as a whole, since a large part of these meatpacking acquisitions in Brazil and Latin America have been carried out with money from the public fund that materializes in the BNDS, which demonstrates a policy of reprimarization of the economy.

Keywords: Law Of Labor Value, Overexploitation, Subimperialism.

Introdução

O artigo: "**A atualidade do subimperialismo no Brasil: a reprodução da dependência no agronegócio**", pretende expor determinações do Mundo do Trabalho na atual conjuntura capitalista de precarização estrutural, com um processo de concentração e centralização do capital neste setor de forma acentuada.

A atual conjuntura da sociedade capitalista decorre de mudanças significativas consolidadas no mundo do trabalho entre o fim dos anos sessenta e início dos anos setenta, quando, face à crise internacional do petróleo que se instaurou à época, substituiu-se o modelo de acumulação baseado na produção *taylorista/fordista*, sob a égide do Estado de Bem Estar Social, pelo de acumulação flexível, que segundo Antunes (2018 pg.223). A nova forma de organização do trabalho resultou na substituição do modelo fordista pelo *toyotista*, coincidindo com o processo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de afirmação das políticas neoliberais no Estado “nacional”. Na atualidade está em transição para uma mudança de organização do trabalho que aprofunda tendências do toyotistas, do trabalho precário, que se manifesta no que ficou conhecido uberização. O toyotismo, foi absorvido nas agroindústrias parcialmente mescla a estrutura do trabalho fordista, com métodos toyotistas, que “estimulam” o aumento de produtividade da força de trabalho aquilo que Alves (2005 pg. 260) denomina como captura da Subjetividade operária frente ao capital.

Essas novas formas de organização do trabalho no capitalismo, se tornam possível de se efetivarem após *terceira revolução industrial*², a possibilidade de um maior controle sobre força de trabalho tendo como resultado o aumento da produção industrial, agrária e de serviços. Esses novos índices de produtividade acarretaram para a classe trabalhadora novas situações e condições de trabalho, que ocasionaram um aumento demasiado da incidência de doenças relacionadas à atividade laborativa, como o *STRESS*, a LER (Lesão por Esforço Repetitivo) e o DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho).

A partir de tendências Universais da lógica do Capital no capitalismo de forma global, que apresentamos como elementos do mundo do trabalho em precarização estrutural (ANTUNES 2020), não permite compreender como em meio a especialização econômica há uma tendência de reprimarização da economia do Brasil, e larga medida os países de capitalismo dependente a América Latina perpassa por esse processo. A partir do século XX até os dias atuais o Brasil vem conquistando mercado mundial de commodities em especial o agronegócio e extração de minérios, como inserção subalterna típica do capitalismo dependente (Florestan 2005) ou do subimperialismo (MARINI 2011). A conquistas de mercados com a venda de commodities em preços (para não dizer no valor) atrativos não ocorre somente pela elevação das forças produtivas mas com a intensificação dos ritmos de trabalho, e a extensão da jornada de trabalho nas agroindústrias.

2- A Concentração E Centralização No Capital Monopolista

No final do século XIX e início do século XX é evidente a mudança qualitativa dos empreendimentos produtivos, uma mudança até no regime de propriedade com a ampliação das sociedades anônimas. Por exemplo em 1907, na Alemanha, a cada 1000 empresas nove era grandes, dessas a cada 100 operários 37 trabalhavam nestas grandes empresas. A utilização de energia elétrica e a vapor é de $\frac{3}{4}$ dessas empresas. Com a grande massa de meios de produção estão concentradas cada vez mais em poucas mãos, esse desenvolvimento das forças produtivas

² Há autores que apontam que com a nanotecnologia, o auto grau de robotização, com desenvolvimento da *softwares* conhecidos como inteligência artificiais, capaz de resolver problemas que não estão previamente formatados.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

concentra quase exclusivamente no monopólio, o que podemos afirmar que a produção da mais-valia extraordinário estão nas mãos desse seletivo grupo. Para observar ainda o processo de centralização e concentração do capital:

Menos da centésima parte das empresas tem mais de $\frac{3}{4}$ da quantidade total da força motriz a vapor e elétrica! Aos 2.970.000 pequenos estabelecimentos (até 5 operários assalariados), que constituem 91% de todas as empresas, correspondem unicamente 7% da energia elétrica e a vapor! Algumas dezenas de milhares de grandes empresas são tudo, os milhões de pequenas empresas não são nada (LENIN 2010 p. 17/18).

As estatísticas indicam que metade da produção global está nas mãos de 1/100 das empresas dados de 100 anos passados. O que nos chama a atenção para forma da monopolização, pois nem todos ramos se monopolizam por exemplo o comércio e o varejo. Mas, há setores que a concentração está em empresas que está em ramos próximos, há exemplo da siderurgia, transformação em aço e outros subprodutos de ferro e aço são densamente monopolizados.

As teses de Marx que comprovam que o livre comércio leva ao monopólio são confirmadas. Essa não é nenhuma novidade apesar de quase meio século de contestação da ciência burguesa contra fatos não há argumentos. “No que se refere-se à Europa, pode-se fixar com bastante exatidão o momento em que o novo capitalismo veio substituir definitivamente o velho: no começo do século XX” (LENIN, 2010 p. 21).

A formação monopolista tem o apoio dos cartéis, que surgem em meio as crises econômicas e ganham força no movimento de crescimento da economia. Assim como as forças produtivas vão se desenvolvendo o monopólio se torna dominante: De forma sintética podemos apontar sua história recente: “assim, o resumo da história dos monopólios é a seguinte: 1. Décadas de 1860 e 1870, o grau superior culminante, de desenvolvimento da livre concorrência. [...]os cartéis passam a ser uma das bases de toda vida econômica” (Lenin 2010 p. 23). Os cartéis tem a capacidade de se organizar a venda, compra, produção dos seus setores. Os monopólios dominam a elaboração das novas tecnologias desenvolvendo pesquisa e inovação na produção impedindo que seus concorrentes acessem os melhoramentos na produção. Há métodos tradicionais que são utilizados pelos monopólios para manutenção de sua hegemonia:

É esclarecedor lançar uma simples olhadela ainda que mais não seja à lista dos meios a que recorrem as referidas associações na luta moderna, atual, civilizada, pela organização: 1. Privatização de matérias-primas (“... um dos processos mais importantes para obrigar a entrar no cartel”); 2. Privação de mão-de-obra mediante alianças (quer dizer, mediante acordos entre capitalistas e os sindicatos dos operários para que estes últimos só aceitem trabalho nas empresas cartelizadas); 3. Privação de meios de transportes; 4. Privação de possibilidades de venda; 5. Acordo com os compradores para que estes mantenham

relações comerciais unicamente com os cartéis; 6. Diminuição sistemática dos preços (com o objetivo de arruinar os *estranhos*, isto é, as empresas que não se submetem aos preços inferiores ao do custo: na indústria da gasolina deram-se quase metade!); 7. Privação de créditos; 8. Declaração de boicote (LENIN 2010 p. 23).

A era dos monopólios e dos cartéis faz com que preços sejam controlados pelas grandes empresas dominando de ponta a ponta o processo produtivo. Se não controla os preços de venda final, controla a compra de matérias primas. O cartel coloca para os pequenos e médios capitais o alto preço das fontes de produção acima do valor. As indústrias mais cartelizadas e monopolizadas são as indústrias pesadas.

A outra interpretação da categoria imperialismo se deve a Rosa de Luxemburgo onde para ela é o avanço do capital financeiro sob a formação de dívidas nos países da África e da Ásia se constituíam como auto financiamento da implementação de vias de acesso notadamente ferrovias e modernização de portos, para destruição da produção artesanal e camponesa dos povos tradicionais dessas regiões onde foi imposto a substituição do modo de produção a fórceps, sob a utilização do militarismo como forma de coerção.

Deste modo para Luxemburgo o imperialismo era uma relação de setores não capitalistas, por exemplo, a produção pecuária na bacia do rio Prata e região de Pampas como Paraguai e Pampas gaúchos (Região sul do Brasil) que não utilizavam o emprego da força de trabalho assalariada se relacionado com países industrializados com emprego de força de trabalho e maquinaria com alta produtividade do trabalho. O Imperialismo também exporta o capital que mesmo acumulou na periferia:

Com a ruína daquelas condições primitivas, de economia natural, camponesas e patriarcais dos velhos países, o capitalismo europeu estimula o intercâmbio de produção de mercadorias, converte seus habitantes em inevitáveis consumidores das mercadorias capitalistas e acelera ao mesmo tempo, em enormes proporções, seu processo de acumulação [...] Desde o começo do século XIX, esses métodos desenvolveram-se paralelamente à exportação do capital acumulado da Europa para os países não-capitalistas do resto do mundo (LUXEMBURGO, 1976, p.434)

O por que seria importante o debate da formação imperialista e monopolista, para além do que seria o atual estado da arte da produção agroexportadora. A resposta está na inversão da produção que ocorre nos últimos anos e essas categorias serão de importância fundamental para compreensão das nossas interpretações.

2. O que é o subimperialismo.

Alguém pode perguntar, como o debate da formação imperialista e monopolista se relaciona com a produção do agronegócio no capitalismo dependente? A acumulação de capital



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

no Brasil foi resultado da exportação em larga escala de produtos minerais ou agropecuários, e as primeiras manufaturas possibilitavam a substituição de importações. No século XX, a política desenvolvimentista acelerou a industrialização com capital nacional e introdução do capital imperialista, e a atividade frigorífica brasileira se beneficia deste ciclo de reprodução do capitalismo do pós segunda guerra.

O golpe militar é a síntese do capitalismo dependente maduro do Brasil, resultado da consolidação do subimperialismo. A ditadura civil militar, com seu projeto político de novamente galvanizar alianças entre classes dominantes, promoveu novamente uma aliança entre a burguesia nacional, imperialismo e o latifúndio. A ditadura estabelecia equilíbrio entre burguesia e latifundiários, na medida em que inviabilizou a reforma agrária ao mesmo tempo em que controlava os preços dos produtos agrícolas, para que seu aumento não impactasse nos salários da indústria e setor de serviços urbanos, do comércio e demais setores de serviços.

O fim da política econômica desenvolvimentista não inviabilizou um projeto de industrialização, apenas redimensionou, e derrubando a barreira de remessas de lucros, o capital imperialista ampliou seus investimentos, ao mesmo tempo em que pressionava sem protecionismo a indústria nacional, estimulando-a a se integrar ao imperialismo ou a se modernizar. O resultado foi que o capital nacional se tornou sócio menor nos negócios capitalistas, mas muitos setores se modernizaram e buscaram, com apoio estatal, ampliar seus negócios para outros países, em especial, na América Latina.

A expansão da indústria absorveu parte da força de trabalho que vinha do campo, integrando parte da força de trabalho ao mercado de trabalho. Assim, sem opções para o mercado interno, a indústria volta sua atuação à América Latina, não mais como indústria nacional, mas filiais do imperialismo que produzem aqui. A forma de atrair esse capital que vai produzir no Brasil para exportar também para América Latina se dá principalmente pelos baixos salários da força de trabalho, coercivamente controlada pela ditadura militar. Essa forma de organização do capitalismo no Brasil criou uma peculiaridade que o diferencia das outras formas de imperialismo clássico. Para Rui Mauro Marini, essa era a expressão do subimperialismo:

A consequência mais importante desse fato é que, ao contrário do que ocorre com as economias capitalistas centrais, o subimperialismo brasileiro não pode converter a espoliação que pretende realizar no exterior em um fator de elevação do nível de vida interno, capaz amortecer o ímpeto das lutas de classes. Em vez disso, devido a sua necessidade de proporcionar um sobrelucro a seu sócio maior estadunidense, tem que agravar violentamente a exploração do trabalho nos marcos da economia nacional, no esforço para reduzir seus custos de produção (Marini, 2013, p. 157).

O subimperialismo é uma forma do capitalismo monopolista no capitalismo dependente, por isso mesmo as classes trabalhadoras foram superexploradas, para garantir uma expansão do capital monopolista e tecnologicamente atrasado. Esse ciclo ocorreu durante o ciclo do capital em expansão com projeto keynesiano fordista no centro do capitalismo e a tentativa de desenvolvimentismo na periferia. A partir da crise estrutural do capital, há uma mudança no ciclo de acumulação do capital.

Ao debater a categoria de subimperialismo, temos que observar que as categorias são formas de ser do objeto, por isso mesmo passível de correção e atualização teórica devido ao processo de seu desenvolvimento e maturação. Podemos afirmar que a categoria de subimperialismo pode ser superada no movimento histórico através de um processo revolucionário – portanto anticapitalista –, ou através de mudanças nas estruturas do capitalismo, criando um novo ciclo de acumulação e reorganizando a divisão internacional do trabalho, modificando também a composição orgânica do capital, com novas tecnologias. Ao longo do movimento do capital no capitalismo, categorias econômicas foram modificadas historicamente, apenas não alteraram seu caráter de exploração.

No novo ciclo de desenvolvimento capitalista, observamos que há uma forte tendência ao desmonte dos estados nacionais, além de uma heterônima maior ao mercado externo. Compreendemos que a mudança do padrão de acumulação impulsiona um modelo ainda mais restritivo aos direitos trabalhistas e sociais para classe trabalhadora. A formação econômica dos países mais economicamente desenvolvidos na América Latina passou por um processo de industrialização ao longo do século XX. Após a década de 70 do referido século, essa política tem alterações, em especial pelo novo ciclo de acumulação do capital.

As exportações de 1970 à 2008 aumentaram de forma substancial no continente, e com isso ainda mantêm uma política que dá força ao processo de produção atrelado ao desenvolvimento da política de reprimarização. O continente somente não importou menos que a China, e suas exportações aumentaram acima da média histórica mundial nos últimos 40 anos. A mudança nos países de capitalismo dependente se traduz na reconfiguração do papel da produção industrial:

O rebatimento dessas mudanças sobre o emprego nas indústrias foi bastante significativo. Segundo Pochmann (2001), no ano de 1930 os postos de trabalho na indústria correspondiam a 7,6% do total de ocupações do país, e o Brasil detinha somente 0,8% do total do emprego industrial em termos mundiais. Já em 1980, “[...] o peso do emprego da indústria de transformação era de quase 20%, representando 4,1% do volume mundial de postos de trabalho”. Quase vinte anos depois, em 1999, o País detinha 3,1% do volume de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

empregos industriais do mundo, o que correspondia a quase 12% da totalidade das ocupações internas. Tal situação se assemelhava à existente em 1940, quando se iniciava o processo de industrialização no Brasil (POCHMANN, 2001, p. 38-39). [...] no caso da economia brasileira, há, recentemente, um crescente e intenso debate sobre o fenômeno da desindustrialização, em função dos sentidos efeitos do acirramento da concorrência internacional para a indústria doméstica, seja pela menor intensidade relativa do ritmo de criação de empregos no setor industrial seja pelo avanço sistemático do volume de importações para o atendimento da demanda interna, ou, ainda, pela perda de participação das exportações de produtos manufaturados nos mercados internacionais (Hillesheim, 2015, p. 200,201).

A desindustrialização apresentada por Hillesheim (2015) indica a tendência mundial de diminuição do emprego industrial, e a partir do momento em que a indústria da transformação tende a aumentar os níveis de recomposição orgânica, há também uma realocação espacial, com saída para a Ásia e realocação em outros locais onde a superexploração pode ser acentuada, a título de exemplo a desconcentração industrial com saídas de montadoras do eixo Rio-São Paulo-Minas para o Centro Oeste pela presença das montadoras Toyota em Catalão e CAO A Cherry em Anápolis no estado de Goiás.

A desindustrialização não é resultado de fuga de capitais ou falta de investimento no setor, pelo contrário, os países que sofrem com a desindustrialização são os que recebem mais capitais. O Investimento Externo Direto (IED) na América Latina foi maior do que na maioria dos continentes, perdendo somente para Ásia, lembrando que neste continente há os dois maiores países do mundo em população, e o papel na China é determinante. Brasil e México são os destinos mais recorrentes do capital investido, mas ambos tem oscilado entre quem atrai maiores investimentos. Um marco nesta política é a implementação de capital privado nos setores públicos via privatização como demonstra Osório (2012):

E nessas empresas que se concentram as principais plataformas exportadoras do novo padrão, assim como as atividades dinâmicas orientadas para o mercado interno, particularmente concentradas no setor de serviços, as quais fornecem energia e local tem preeminência do comércio, na agroindústria, nas indústrias alimentícias e nas telecomunicações, atingindo certa expressão na mineração, na eletrônica e na energia elétrica, ao passo o Estado não tem papel nenhum nos demais setores e o capital transnacional prevalece nos setores automobilístico e de autopeças e na eletrônica, mas também representa um peso significativo em todo o resto do setores, com exceção de petróleo/gás, nos quais tem uma presença reduzida (Osório, 2012, p. 111).

Além do produto agropecuário e mineral, o autor aponta que as maquilas são partes da produção cuja característica é utilizar muita força de trabalho, podendo ser transferido para outro país devido à simplicidade da produção. O processo de montagem de eletroeletrônicos que demandam muita força de trabalho com pouca qualificação é um exemplo disso. As empresas podem até montar um computador ou celular, mas a tecnologia principal, como o sistema



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

operacional, as placas, processadores e sistemas são importados. Entre os principais produtos exportados pela América Latina estão o petróleo, cobre, automóveis ou peças, cabos e condutores, alguns produtos eletrônicos, além da soja, café e outros produtos agrícolas.

A reprodução do subdesenvolvimento neste novo ciclo inviabiliza a criação de um mercado interno capaz de estimular a criação, desenvolvimento e até mesmo manutenção de um complexo produtivo em sua totalidade. Sem um mercado interno forte e com salários dentro da média, fica impossível manter uma produção autônoma. O processo produtivo da automação, robótica, inteligência artificial, TICs criam cada vez mais a tendência à recomposição orgânica do capital, que concentra fábricas para atender a produção mundial.

Se a categoria de subimperialismo estaria se modificando com o novo ciclo de produção capitalista, nossa avaliação indica que não. O processo de atuação de empresas como a Petrobrás demonstra como o capital monopolista e estatal no Brasil buscava se expandir nos mesmos moldes dos capitais internacionais. Essa expansão não retira o caráter de capitalismo dependente do Brasil, mas é uma forma também de criar divisas para remunerá-lo através de suas exportações. Essas exportações de capital brasileiro são apenas a manifestação do capital monopolista e do capital financeiro, cuja fusão constitui o fundamento do imperialismo. O setor agropecuário no Brasil produz empresas com essa característica de subimperialismo com produção industrial de produtos agropecuários, exportando capital, no caso dos frigoríficos, em países com grande produção pecuária, ou mesmo na produção de laranja onde a forte consumo e condições climáticas e solo favoráveis como abordaremos no ponto seguinte.

3- O agronegócio como expressão do subimperialismo Brasileiro?

O golpe de 2016 para além da mudança do organizador político do governo, ocorreu ao mesmo tempo o aprofundamento na prática neoliberal levada até as últimas consequências, cenário que se aprofundou com a eleição de ex presidente Jair Messias Bolsonaro que acelerou o processo de especialização econômica e desindustrialização de setores importantes na economia brasileira. Por isso que neste período referenciado aprofundou o que ficou conhecido como reprimarização da economia. A explicação aforística e que esta concatenada com nossa análise observa um deslocamento acelerado de capitais que eram investidos na indústria de transformação para o setor de agronegócio reforçando o discurso da alternativa econômica para o Brasil.

O processo de especialização econômica no Brasil criou empregos em muitas agroindústrias ocorreriam uma desindustrialização. Pois se fecham postos de trabalho no setor de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

indústria por exemplo eletroeletrônicos aumentam no setor de frigoríficos, para exemplificar dados da RAIS (Relatório Anual de Informações Sociais) no ano de 2016 o CNAE (Cadastro Nacional de Atividades Econômicas) 10.1 Frigoríficos de gado, aves, suínos e indústrias de alimentos a base proteica animal no ano 2016 foram realizados 628.582 contratos no ano de 2021 foram 835.032 contratos um aumento de 206.450 contratos.

O Brasil há uma diversificação muito heterogênea do agronegócio, que é a fusão do latifúndio, ao capital monopolista e financeiro. Por isso utilizaremos um recorte onde a característica de exportação e monopolização do capital mais se evidencia. A produção frigorífica tem se tornado um setor econômico fundamental na ampliação das exportações de *commodities*, além das exportações constata-se que os índices de consumo nacional de carnes também se ampliaram. Aos defensores do agronegócio realizam uma apologia da assim chamada “competitividade” devido a especialização da economia brasileira voltada para produção de *commodities* e conseqüentemente o processo de desindustrialização. A queda na indústria se expressa na produção de eletroeletrônicos e outros setores do consumo direito da classe trabalhadora. O setor do agronegócio é muito extenso para analisar caso a caso se apresenta como manifestação do subimperialismo. Por isso trabalhamos com alguns setores onde essa expressão se manifesta de forma mais evidente, partimos a produção frigorífica.

A partir da década de 1990 os frigoríficos instalados no Brasil obtiveram uma expansão considerável, muito pela abertura de novos mercados pelo fim do socialismo real, aproveitando das exportações para também se capitalizarem. No século XXI, parte significativa da expansão tinha as exportações como ampliação mercado e garantindo a ampliação de toda cadeia produtiva. Para exemplificar exportação de carne bovina é destaque nas exportações de *commodities*. No ano de 2010 o Brasil já se consolidava como maior exportador de carne bovina do mundo. As cifras alcançaram aquele ano US\$ 4,4 bilhões, as exportações de carne o índice aproximado de 7% de todas as exportações no Brasil. O Brasil é responsável por cerca de 24,7% do rebanho de gado mundial, calma que aqui está somente os animais quadrúpedes, perspectiva de crescimento de 20% por ano³.

A expansão do capitalismo monopolista exporta seu capital para outros países no caso dos frigoríficos brasileiros tendem a exportar seu capital, e procuram dominar os países que tem grande produção pecuária e mercado consumidor. O que demonstramos agora que até agora há

³ Disponível em

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo> acessado 16 de março de 23 as 20:08



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

uma monopolização do setor frigorífico no Brasil agora vejamos como a JBS Friboi se lança no subimperialismo dominando outros mercados: JBS USA BEEF EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia: 18 unidades de processamentos de Bovinos: 08 Unidades de Logística; 02 unidades de couro; 09 unidades de alimentos preparados; 02 unidades de ovinos; 06 confinamentos na Austrália; 01 unidade de suínos (primo) 18 centros de distribuição (JBS, 2023). O primeiro grande investimento de capital da empresa brasileira no ramo de produção propriamente dito foi no setor de frangos, com a compra da Pilgrim's Pride Corporation, empresa estadunidense tradicional. Após esta, compra a expansão do setor de frangos e aves expandiu, como podemos observar: "A Pilgrim's conta com aproximadamente 60 mil colaboradores (SIC) empregados a partir dos Estados Unidos, Porto Rico, México e Europa" (Friboi 2024). A produção da Pilgrim's localizada na EUA, México e Europa possui 36 unidades de processamento de aves, 27 unidades de produtos preparados, 24 centros de distribuição, 03 unidades de processamento de suínos (Tulip). EUA Pork, 05 unidades de processamentos de suínos, 02 Unidades de genética, 08 Unidades de alimentos preparados, 02 centros de distribuição (JBS, 2023). A JBS também é proprietária da Seara que possui no Brasil 30 unidades de abate e desossa e aves, 8 unidades de abate e desossa suínos, 18 centros de distribuição e 25 unidades de processamento de produtos.

A expansão da Marfrig tem o foco na produção de valor, se tornando a maior produtora de hambúrgueres, e atualmente está entre as maiores produtoras de proteína bovina do mundo. O conglomerado no mundo tem 19 unidades produtivas bovinas e 10 centros de distribuição e comerciais, espalhados por quatro continentes, totalizando a força de trabalho contratada em 30 mil. Buscando atender um novo nicho de mercado da carne vegetal, a empresa iniciou a produção de hambúrgueres e "carnes" à base de proteína vegetal. Essa Joint Venture no ano de 2020 formou a empresa PlantPlus Foods.

No Brasil a Marfrig apresenta uma produção de abate diário de 11,1 mil bois por dia, o que equivale a um abate anual aproximado de 2.775.000 cabeças. A produção de hambúrgueres anualmente é de 77 mil toneladas, e processa outras 66 mil toneladas de produtos de valor agregado. A distribuição ocorre com mais quatro centros de distribuição e uma empresa de processamento de couro. A Marfrig na Argentina, Uruguai, possui 7 fabricas de abate, desossa e industrialização de hambúrgueres possui um abate de 5,1 mil cabeças dia e anualmente aproximadamente 1.300.000 cabeças. A produção de hambúrgueres anualmente é de 84 mil toneladas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

No Chile a Marfrig possui uma fábrica de abate de cordeiros com capacidade de produção de abate e desossa de 6.500 cordeiros dias o que equivale a 1.650.000 cabeças anuais, aproximadamente. A distribuição ocorre com quatro centros de distribuição. Nos Estados Unidos a Marfrig possui três fábricas de abate, mais cinco fábricas de processamentos com operação de abate, desossa e industrializados. A produção de abate diário é de 13,1 mil cabeças por dia, ou 3.275.000 cabeças por ano aproximadamente. A produção de hambúrgueres anualmente é de 203 mil toneladas. A distribuição ocorre com três centros de distribuição, mais uma fábrica de couros. A BRF Foods que é controlada pela Marfrig possui no Brasil, operamos 35 plantas e possuímos um sistema logístico avançado em nosso mercado interno, com 22 centros de distribuição, com unidades industriais nos Emirados Árabes, Turquia e Arábia Saudita.

O Minerva Foods opera com 10 unidades de abate e desossa com abate 12.237 cabeças dias. No Paraguai, nas cidades de Assunção, San Antonio, Tablada e Belén somando 5 unidades com abate diário de 8.025 cabeças. No Uruguai, nas cidades de Melo, Canelones e Montevideu três ao total com abate e desossa 2.500 dia. Na Argentina, nas cidades de Rosário, Pilar, Berazategui, Colonia Caroya e Venado Tuerto 5 unidades de abate, desossa 5.228 cabeça dias. Na Colômbia, nas cidades de Bucaramanga e Ciénaga de Oro, com 2 unidades com 1.550 cabeças dias e na Austrália 4 unidades com abate de 19.219 dia ao todo 29.540 cabeças dias uma produção anual aproximadamente de 7.701.500 cabeças. Essas empresas também centralizam o sistema de transporte de seus produtos, com busca de matéria primas (bovinos, suínos, aves), como transporte de caminhões.

O setor que também expandiu seu capital de forma monopolista é o setor de exportação de suco notadamente de laranja, a empresa que monopolizou esse processo foi a Sucocítrico Cutrale a empresa que tem sede hoje em Araraquara (SP) possui 5 unidades no Brasil e exporta capital desde o ano de 1996 quando a época adquiriu a primeira fábrica da Minute Maid, uma divisão da Coca-Cola, em Auburndale, os sucessos nos negócios no território estadunidense a empresa ampliou a produção com segunda fábrica de suco está sediada em Leesburg, no mesmo estado. A empresa no ano 2000 adquiriu 6.000 há na Flórida (USA) fazendas que antigamente eram produtoras de cana de açúcar. Com escritórios de vendas em todos continentes. A Cutrale é responsável por um terço da comercialização e industrialização da produção de laranja, estima-se que cada 4 copos um é das empresas da Cutrale. A empresa diversificou seus negócios com



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

exportação de soja. A Cutrale é acionista 25% da FMSA empresa que envasa os produtos Coca-Cola no México e Caribe. A empresa recentemente comprou toda a Chiquita Brands (Banana) em parceria com banco Safra controlado por Josefh Safra negócio estimado em 1,3 bilhões de reais, maior produtora de bananas e Chips (sneakers). Como a empresa é ainda uma empresa familiar não conseguimos dados que assegurem o extado patrimônio da família Cutrale⁴ a época do falecimento do proprietário José Luís era estimado em 10 bilhões de reais.

Ainda no setor cítrico a Citrusuco se destaca na produção de sucos de laranja e concentrados, seu início foi em Matão (SP) começa a segunda maior empresa de exportação de citros. O primeiro proprietário foi de Carlos Fisher. A empresa Citrusuco recentemente foi adquirida pelo Grupo Votorantim que faturou R\$ 52,9 bilhões no ano 2023 em todas as atuações de sua Roald a estimativa é que os negócios com a laranja representam cerca de 10% da receita total que contabiliza cerca de R\$5,29 bilhões⁵. A empresa possui terminal no Porto de Santos e outros três estão instalados em Wilmington e Tampa (EUA) e Ghent, na Bélgica. Antes da venda para Votorantim o grupo possuía o maior pomar privado do mundo com 3.800 hectares de área plantada de maçãs cidade de Fraiburgo, em Santa Catarina. Nesta propriedade é responsável 16% da produção nacional. A Citrusuco possui 28 fazendas, sendo 25 de produção de laranja. Além de sete escritórios ao redor do mundo: Brasil, EUA, Áustria, Austrália, Bélgica, Japão e China. A produção de industrial de polpa concentrada e suco pronto três no Estado de São Paulo: a maior planta industrial de processamento de Laranja em Matão, Catanduva, Araras e uma unidade industrial na Florida (USA) em Lake Wales.

O Setor sucroalcooleiro é um exemplo do subimperialismo mais próximo quando Ruy Mauro Marini que conota o processo de expansão do capital que se origina no Brasil em associação com o capital imperialista. Para evidenciar nossos argumentos mais uma vez voltamos demonstramos como descrevia essa categoria.

⁴ Disponível em <https://www.cutrale.com.br/institucional.xhtml>. Acessível em 24 de julho de 2024 as 10:45.

⁵ Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbesagro/2023/10/vi-um-projeto-muito-ambicioso-pela-frente-diz-ceo-da-citrusuco-dona-de-25-fazendas-de-laranja/>. Acessível em 24 de julho de 2024 as 10:45.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para Marini (2013) a ampliação do capitalismo monopolista se consolida no Brasil com as mudanças econômicas durante o governo ditadura civil militar. O aumento da produção econômica, não significou o aumento das condições de vida para a classe trabalhadora. O que esse crescimento vai acentuar a tendência do subimperialismo:

O apelo ao expansionismo comercial para contrariar a ideia de subimperialismo revela também o mero desconhecimento dos fatos. Outras questões se apresentam sobre este ponto: a política expansionista brasileira na América Latina e na África, além da busca por mercados, não corresponderia à tentativa de assegurar o controle de fontes de matérias-primas, como é o ferro e o gás da Bolívia, o petróleo do Equador e das colônias portuguesas na África, o potencial hidrelétrico do Paraguai –, dificultando assim o acesso de econômicas como as concorrentes como a Argentina? (MARINI 2013.p. 38).

Deste modo os capitais monopolistas no Brasil produtores de cana de açúcar (etanol, energia elétrica e açúcar), está em associação com os capitais imperialistas. O capital que busca ou dominar um setor e exportar capital. A usina que tem maior moagem no Brasil a Raizen é constituída pela Cosan, que atualmente é dona de 50% da Raizen outra metade é controlada pela Shell.

O Grupo Cosan/Raizen é o maior produtor de etanol e açúcar do Brasil. Possui 35 usinas no Brasil, Paraguai e Argentina a primeira companhia a abrir plantas para fabricação de etanol de segunda geração com utilização do bagaço e palha da cana aumentando a produção sem aumentar área plantada. Inaugurou indústrias para produção energia elétrica através do biogás utilizando resíduos da produção sucroalcooleira. O grupo adquiriu a produção de lubrificantes da ExxonMobil. A empresa criada é a Moove é uma das maiores empresas de lubrificantes do país, com atuação global em mais de 11 países da América do Sul, América do Norte e Europa. A Cosan também adquiriu no Brasil a marca Select da Shell, a distribuição Shell de combustível na Argentina e Paraguai obtendo a garantia de produção e circulação do etanol e demais combustíveis nos países vizinhos

A empresa também expandiu no setor de logística na aquisição na América Latina Logística criando a Rumo empresa ligada a Cosan. A empresa administra 13,5 mil quilômetros de ferrovias atuação no Brasil. Aqui evidencia o capital “nacional” eliminando a importação de capital para abertura de grandes investimentos em transportes como asseverava Rosa Luxemburgo (1975).

Aproveitando o capital aberto adquiriu empresas de distribuição de Gás, criando a Compass. A distribuição de Gás ocorre pela Comgás, maior distribuidora de gás natural do Brasil, e a Commit. Atuando também como acionista no conselho deliberativo da Vale com 4,1%. O maior acionista da Cosan é considerado o segundo maior bilionário do Brasil que atua no Agronegócio.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A soja é um produto de grande exportação criou empresas que tem sua capitalização na produção direta dos sojicultores o exemplo nítido é a família Maggi. Possui um dos maiores conglomerados de empresas do agronegócio do mundo, com atuação no Brasil, China, Argentina, Paraguai, Holanda, Noruega, Suíça e Cingapura. Atuando em transportes, energia elétrica criando foco para abastecimento no campo e venda de energia notadamente no Centro-Oeste.

A Celulose é outro exemplo de capital que se transnacionalizou exportando capital a Suzano possui 15 Fabricas, 14 no Brasil e Finlândia, 7 centros de desenvolvimento de tecnologia instalada no Brasil, Canadá, Israel e China e Escritórios no Brasil, China, Canadá, Israel, Estados Unidos, Singapura, Áustria, Holanda, Finlândia, Argentina e Equador. A empresa possui em receita líquida no ano passado R\$ 39,8 bilhões, atualizando o EBITDA foi de R\$ 18,3 bilhões. Na última linha do balanço, a empresa registrou resultado líquido positivo de R\$ 14,1 bilhões.

Para Osório (2012) o ciclo de acumulação do capital cria a especialização econômica reafirmando a dependência limitando a produção nos países Latinos Americanos o setor fora do agronegócio que se comporta como subimperialista o setor mineral no caso do Brasil a Vale que extrai minérios em 5 países inclusive no Canadá exporta capital, a Petrobrás exporta capital, para Argentina, Bolívia, Uruguai e países que se utilizam de extração de petróleo em auto mar.

O processo de capitalização do “agronegócio” ocorre na medida que reafirma a superexploração, com condições de trabalho aviltante para trabalhadores e trabalhadoras foram tolhidos a possibilidade de uma exploração média do capital. Pois no Brasil a “Revolução Burguesa” forjou um Estado autocrático, com uma contrarrevolução preventiva inviabilizando a participação dos trabalhadores e trabalhadoras em processos decisórios do poder. Segundo Marini a categoria da superexploração tem como característica remunerar a força de trabalho abaixo de seu valor, ao mesmo tempo que tende a ampliar a jornada de trabalho, ou intensifica-la. A obtenção de taxas de lucro acima da média, não ocorre como no centro imperialista pela recomposição orgânica do capital, mas a mais-valia relativa não se dá com a diminuição do valor dos produtos fundamentais para reprodução da força de trabalho, no Brasil paga-se abaixo do valor da força de trabalho, além de muitos casos aumentar a jornada de trabalho, utilizando horas extras.

4- Conclusão

A partir da eleição do Governo Bolsonaro atendendo o bloco no poder que o elegeu promove uma desertificação neoliberal ao extremo, buscando aumentar a reprimarização da economia o que estimulou a especialização econômica. Por isso mesmo empresas do



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Agronegócio tem exportado capital seja em países concorrentes e condições de produção de suas mercadorias como a pecuária e a produção de Laranja. Ao mesmo tempo que buscam controlar fontes de riqueza como a terra. Para exemplificar, o Paraguai os maiores sojicultores são brasileiros que migraram com seu capital para comprar terras. Na Bolívia na divisão com Mato Grosso muitos sojicultores migraram para produzir em locais onde a terra é mais barata. O subimperialismo do capitalismo brasileiro se especializa na produção agrária exportadora e mineral e mesmo exportando capital nos países imperialistas não retira o caráter de país dependente e de superexploração do trabalho.

Referencias Bibliográfica

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão**: o novo proletariado de Serviço da era Digital, Boitempo, São Paulo (2019).

ALVES, Giovanni. **O Novo (E Precário) Mundo do Trabalho** Boitempo São Paulo (2005).

CITROSUCO. Nossa Linha do Tempo. Disponível em <https://www.citrosuco.com.br/linha-do-tempo/> Acessado 27 de julho de 2024.

CUTRALE. Nossa empresa. Disponível em <https://www.cutrale.com.br/institucional.xhtml#:~:text=A%20empresa%20atua%20na%20produ%C3%A7%C3%A3o,infravermelhas%20tiradas%20de%20cada%20uma>. Acessado 27 de julho de 2024.

FERNANDES F. **A Revolução Burguesa no Brasil**: Ensaio de Interpretação Sociológica. São Paulo: Globo, 2008.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempos de capital fetiche** São Paulo, Cortez, 2012.

INÁCIO, José R. **Sindicalismo e Ética**: (re)ação, sanidade e trabalho, Belo Horizonte MG Crisálida 2012.

JBS S.A. (Friboi). Unidades de Negócios. Disponível em: <https://ri.jbs.com.br/a-jbs/unidades-de-negocios/>. Acesso em 22 de junho de 2023.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

MARFRIG Global Foods S.A. Nossas operações. Disponível em: <https://www.marfrig.com.br/pt/nossas-operacoes>. Acesso em abril de 2024.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Abril Cultural (1985).

MARINI, Rui M. **Dialética da Dependência**. In: Traspadini R. Stedile J. P. (orgs). *Rui Mauro Marini vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular (2009).

MARINI, Rui M. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Florianópolis: Insular, 2018.

MARX. Karl. **O Capital**- Crítica da Economia Política, livro I vol. 1/1 Bertrand Brasil, Rio de Janeiro (1998).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Volume 1. MESZÁROS, István. **Para além do Capital**; uma teoria de transição, Boitempo São Paulo (2002).

MÉSZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**, São Paulo: Boitempo, 2009.

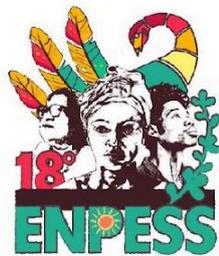
MINERVA Foods. Perfil Corporativo. Disponível em: <https://ri.minervafoods.com/perfil-corporativo/#:~:text=A%20Companhia%20det%C3%A9m%2032%20unidades,industriais%20com%20foco%20em%20ovinos>. Acesso em junho de 2023.

OSORIO, Jaime. Padrão de Reprodução do Capital: Uma proposta Teórica in Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria Marxista da dependência. Boitempo Editorial, São Paulo, 2012.

OSORIO, Jaime. Fundamentos da superexploração, in: **Desenvolvimento e Dependência**: a cátedra de Ruy Mauro Marini. Organizador: Niemayer Almeida Filho. IPEA. Instituto de Pesquisa Estatística Aplicada, Brasília, 2013.

SUZANO. Onde Atuamos disponível em <https://www.suzano.com.br/suzano/onde-estamos>. Acessado 26 de julho de 2024.

REMIJO, Alcides. **A Situação da Classe Trabalhadora nos Frigoríficos de Barretos**: o antagonismo da superexploração. Dissertação de mestrado apresentado a pós graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (2013).



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**